

O
COMENTÁRIO
de
LUCAS

JAMES R. EDWARDS

Sumário

Prefácio da série em inglês	9
Prefácio do autor	11
Abreviações	15
Obras citadas com frequência	29
INTRODUÇÃO	33
1. O testemunho do cristianismo primitivo para o evangelho de Lucas	34
2. O título do evangelho	36
3. Autoria	37
4. Data de composição	44
5. Local de composição	46
6. Reflexões sobre o testemunho para o terceiro evangelho no cristianismo primitivo	47
7. As fontes de Lucas	48
8. Estrutura narrativa	52
9. Epílogo sobre Marcião	54
COMENTÁRIO	60
1. Os anúncios celestiais de João e Jesus (1.1-80)	60
2. O nascimento e a infância de Jesus (2.1-52)	109
3. O precursor e o Filho de Deus inauguram o reino de Deus (3.1—4.13) ..	151
4. Os primórdios do ministério na Galileia (4.14—5.11)	189
5. Jesus — a autoridade de Deus em pessoa (5.12—6.11)	221
6. Jesus chama e instrui seus discípulos (6.12-49)	251

7. Jesus ministra e ensina na Galileia (7.1—8.56)	279
8. A revelação de si mesmo feita por Jesus para os Doze (9.1-50)	341
9. O discipulado e a missão (9.51—11.13)	381
10. O discipulado e o conflito (11.14-54)	439
11. O discipulado: decisões que dividem (12.1-59)	465
12. “Jerusalém, Jerusalém” (13.1-35)	499
13. Jesus: convidado e Senhor no do banquete (14.1-35)	525
14. Perdido e encontrado (15.1-32)	549
15. A confiança na riqueza <i>versus</i> a riqueza na confiança (16.1-31)	571
16. O discipulado e o reino de Deus (17.1—18.34)	601
17. A chegada do Rei (18.35—19.44)	659
18. O mestre no templo (19.45—21.4)	695
19. A queda de Jerusalém e a vinda do Filho do homem (21.5-36)	741
20. A última ceia e a prisão (21.37—22.71)	767
21. O julgamento e a crucificação (23.1-49)	827
22. O sepultamento e a ressurreição (23.50—24.53)	873

capítulo um

Os anúncios celestiais de João e Jesus

LUCAS 1.1-80

O PRÓLOGO (1.1-4)

Lucas prefacia seu evangelho com uma introdução formal composta no melhor grego do Novo Testamento, que difere visivelmente do vocabulário e estilo do restante de seu evangelho.¹ A dedicatória introdutória de Lucas tem similaridades com as introduções de outras obras acadêmicas helenistas, em especial na história e ciência,² mas ele é o único evangelista do Novo Testamento que oferece esse tipo de dedicatória para seu evangelho. O prólogo do terceiro evangelho é o testemunho mais importante do século I para a pré-história dos evangelhos,³ e oferece uma percepção única na arte de Lucas como autor e evangelista. Lucas, ao contrário dos outros evangelistas, não começa com o evangelho, mas com uma descrição da tarefa hermenêutica diante dele. Seu evangelho é fundamentado no testemunho ocular e em fontes escritas anteriores e identifica o recipiente da obra pelo nome de “excelentíssimo Teófilo” (v. 3). Toda proclamação significativa do evangelho exige um intérprete, e Lucas se destaca como uma ponte hermenêutica entre suas fontes e sua audiência.

¹ Das 43 palavras no prólogo, uma dúzia delas são típicas de introduções de obras helenistas (Grundmann, *Lukas*, p. 43).

² Para discussões e exemplos de introduções helenistas, veja Klostermann, *Lukasevangelium*, p. 1-2; Marshall, *Luke*, p. 39; Klein, *Lukasevangelium*, p. 76-78; e esp. L. Alexander, “Luke’s Preface in the Context of Greek Preface-Writing”, em Orton, *Composition of Luke’s Gospel*, p. 90-116. Uma analogia próxima com o prólogo de Lucas (e provavelmente devendo a ela) é segundo-c. Diogn. 1, que, como 1.1-4, declara a intenção de instruir o recipiente nos essenciais da fé cristã e o trata com o título “excelentíssimo” (*kratiste*).

³ B. Gerhardsson, “The Gospel Tradition”, em *The Interrelations of the Gospels: A Symposium Led by M.-E. Boismard, W. R. Farmer, F. Neirynck, Jerusalem 1984* (ed. D. Dungan; BETL, 95; Leuven: University Press, 1990), p. 534-37.

1 “Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós.” O evangelho de Lucas não é um esforço pioneiro nem uma novidade, mas depende de “muitos” que vieram antes dele. Lucas, como todos os mediadores do evangelho na era pós-apostólica, depende da tradição autoritativa para sua narrativa. Lucas não identifica os “muitos” antes dele, mas, conforme observado na seção Introdução e conforme veremos repetidamente no comentário, duas das fontes de Lucas foram sem dúvida o evangelho de Marcos e o evangelho hebraico. Vários pais da igreja primitiva interpretavam o versículo 1 como uma depreciação das tradições anteriores, um ponto de vista seguido às vezes pelos comentaristas modernos. O prólogo, no entanto, não sugere que as narrativas anteriores eram falhas. Essas narrativas também deviam às “testemunhas oculares e servos da palavra” (v. 2) e possivelmente foram a inspiração de Lucas. O grego para a frase “elaborar um relato” (v. 1) tem o sentido de organizar um registro completo e ordenado, fazer uma narrativa coerente. O meio aoristo do infinitivo grego *anataxasthai* pode intensificar o sentido, indicando o investimento pessoal e a assiduidade dos “muitos” que contribuíram para a conversão do testemunho oral em tradição escrita.⁴ O substantivo grego *diēgēsis*, “relato”, só ocorre aqui no Novo Testamento. O singular é importante: Lucas não diz que há “muitos relatos”, mas *uma* narrativa do evangelho, da qual há várias versões. O substantivo e sua forma verbal *diēgeisthai*, também uma palavra lucana característica (8.39; 9.10; At 8.33; 9.27; 12.17; só ocorrem três vezes em outras passagens no Novo Testamento), têm o sentido de “recontar uma narrativa”.⁵ A palavra *diēgēsis* é um “termo histórico-literário que aparece

⁴ G. Delling, *anataxō*, *TWNT* 8:32-33.

⁵ Uma forma variante do verbo ocorre em Atos 15.3, significando também apresentar uma narrativa de eventos. G. E. Lessing, “New Hypothesis on the Evangelists as Merely Human Historians”, em *Philosophical and Theological Writings* (trad. e ed. H. Nisbet; Cambridge Texts in the History of Philosophy; Cambridge: University Press, 2005), §§ 45-47, sugere que os dois primeiros versículos do prólogo preservam o nome do evangelho hebraico: “um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra”. Os “muitos” que transmitiram o testemunho no evangelho hebraico eram os Doze, e os versículos 3 e 4 anunciam intervenção particular de Lucas. Lessing conclui: “Isto é certo: o próprio Lucas tinha diante de si o documento hebraico, o evangelho dos nazarenos, e o transferiu, se não todo, pelo menos a maior parte dele, para seu evangelho, só em uma ordem um pouco diferente e em uma linguagem um pouco melhor” (§ 48).

tanto na literatura judaico-helenista quanto entre os autores gregos”,⁶ por conseguinte, uma narrativa *escrita*. As várias versões do relato conhecido por Lucas e Teófilo eram, portanto, escritas.

O tema do relato são os “fatos que se cumpriram entre nós”. O evangelho de Lucas não é um testemunho das ideias dele ou até mesmo de sua fé. Ele narra *fatos que se cumpriram entre nós*, ou seja, atos concretos e salvíficos de Deus cumpridos em Jesus Cristo. O evangelho não é uma nobre proclamação moral nem pode ser reduzido a um conjunto de ensinamentos e verdades abstratos. Não é algo pelo que Lucas ou qualquer testemunha podem receber crédito. A voz passiva do verbo grego traduzido por os “fatos que se cumpriram entre nós” significa uma história do que *Deus faz*, para o que a resposta humana apropriada é a crença e a proclamação. Uma vez que Lucas admite que não era uma “testemunha ocular e servo da palavra” (v. 2), as referências a “nós” nos versículos 1 e 2 provavelmente significam “os fatos que se cumpriram entre nós *cristãos*”.⁷

2 As narrativas anteriores a Lucas foram escritas de uma perspectiva mais próxima que a dele, pois “nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra”. A palavra grega por trás do termo “transmitidos” (*paradidonai*) é o termo padrão para a tradição oral autoritativa no cristianismo primitivo.⁸ As “testemunhas oculares” devem representar os doze apóstolos, embora talvez não exclusivamente eles.⁹ O versículo 2 alude, portanto, à “Escritura e tradição” — o testemunho ocular e a tradição autêntica originária desse testemunho ocular, as duas principais fontes de autoridade reconhecida em todos os três principais ramos do cristianismo.¹⁰ As testemunhas oculares com quem Lucas conta

⁶ Hengel, *The Four Gospels*, p. 100, 415; G. Delling, *anatassō*, *TWNT* 8:32-33.

⁷ Veja Lagrange, *Luc*, p. 4.

⁸ “Esse elo pessoal da tradição de Jesus com os transmissores da tradição, ou mais precisamente as memórias e a pregação missionária deles, sobre a qual é mais ou menos posta a ênfase, é historicamente inegável” (M. Hengel, *The Four Gospels*, p. 143).

⁹ O sentido inescapável de 1.2, nas palavras de R. Bauckham, *Jesus and the Eyewitnesses: The Gospels as Eyewitness Testimony* (Grand Rapids: Eerdmans, 2006), p. 119, é “uma afirmação de que as testemunhas oculares estão presentes em todos os eventos desde o próprio começo da história do autor em diante”.

¹⁰ Talvez seja por isso que Atanásio imita explicitamente Lucas 1.1-4 no prólogo de sua famosa obra 39 cartas festivas (p. 367), em que pela primeira vez na história cristã, ele identifica todos os 27 livros do Novo Testamento (e apenas eles) como

relatam os eventos “desde o começo”. Uma frase similar aparece em Atos 1.22 com referência às credenciais necessárias de um apóstolo, que “desde o batismo de João até o dia em que Jesus foi elevado dentre nós às alturas”. A frase “desde o começo” carrega um sentido semelhante aqui, com o sentido da participação de testemunhas oculares no ministério terreno completo de Jesus.¹¹ Se o testemunho das testemunhas oculares inclui o evangelho de Marcos, então, a expressão tem de se referir à autoridade do apóstolo Pedro, a quem o segundo evangelista, que não era apóstolo, devia seu evangelho. O testemunho das testemunhas oculares também incluiria o evangelho hebraico, que em toda a igreja primitiva era atribuído ao testemunho do apóstolo Mateus. A frase “testemunhas oculares e servos da palavra” tem de ser entendida como um conceito isolado e grupo de seguidores. Os testemunhos oculares só do evento Cristo não qualificariam o indivíduo para esse grupo em particular, pois Antipas, Pilatos, os membros do Sinédrio e incontáveis indivíduos viram Jesus de Nazaré, mas não responderam em fé nem se tornaram “servos da palavra”. As testemunhas oculares mencionadas aqui foram dotadas de importância fundacional para a fé cristã, pois elas não só viram a palavra, que aqui deve se referir às “palavras e [...] obras” de Jesus (como em 24.19; também Jo 15.27; At 1.21,22), mas abraçaram a afirmação da fé cristã ao se tornarem “servos da palavra”. Em Atos 6.4, Lucas também descreve o ministério dos Doze como “ministério da palavra”. A palavra do evangelho não pertence aos cristãos, mas antes os cristãos pertencem ao evangelho e o servem (Rm 6.17). Uma testemunha não tenta dominar a palavra, mas submete-se no serviço para a palavra.

3,4 Lucas não é a origem nem a autoridade do material apresentado em seu evangelho, mas antes um importante elo na cadeia hermenêutica. Em Atos 1.1, ele se refere ao terceiro evangelho como um trabalho *feito* por ele. A forma em grego médio *epoiēsamēn* indica a responsabilidade solene de Lucas com o produto final apresentado para Teófilo. Pela primeira vez no versículo 3 Lucas trata de seu papel em seu evangelho, sentido literal em grego *edoxe kamoi*: “pareceu-me também a mim conveniente” (ARC) (NVI, “decidi”). Essa parece uma forma muito modesta de falar do que consideramos como inspiração divina. A frase “pareceu-me também a mim conveniente” (ARC)

autoritativos e canônicos. Para o texto das cartas festivas, veja Kealy, *Interpretation of the Gospel of Luke*, p. 72.

¹¹ Josefo, *Ant.* 18.64, em seu testemunho celebrado de Jesus, recorre a uma tradição similar derivada de Jesus, a saber, quando ele foi condenado a ser crucificado “aqueles que vieram primeiro a amar [Jesus] não desistiram de seu afeto por ele”.

nos golpeia como experimental e equívoca. O termo *edoxe* era muito usado nas inscrições gregas helenistas oficiais (por exemplo, “agrada [*edoxe*] o conselho e os cidadãos...”) como uma atestação da autoridade do corpo político. O uso desse termo por Lucas não é, portanto, experimental, mas o alicerce autoritativo de cinco pilares de garantia.¹² Primeiro, o material do terceiro evangelho carrega a aprovação da “investig[ação]” pessoal de Lucas. O verbo grego *parakolouthēin* tem o sentido de “seguir alguém”, sobretudo uma figura de autoridade. Lucas não espera um raio de inspiração, mas segue cuidadosamente o curso dos eventos por meio do investimento e investigação pessoais. Segundo, Lucas investigou “tudo”, ou seja, toda evidência disponível importante para a história. Terceiro, ele faz isso “desde o começo”. Os eventos em que seu testemunho repousa ocuparam um período de tempo relevante, que Lucas seguiu desde o início. Quarto, Lucas reivindica para seu evangelho o importante critério *akribōs*, “cuidadosamente”, ou talvez seja melhor, “acuradamente”, um termo que inclui as ideias de completude e exatidão. Finalmente, Lucas afirma apresentar o todo de “um relato ordenado”.¹³ Exatamente quão literalmente se deve tomar essa frase é discutível.¹⁴ Parece relevante o fato de Lucas escolher um termo (*kathexēs*) que significa uma *sequência e ordem* narrativa apropriada, um termo que Lucas usa de forma similar em Atos 11.4. Lucas reivindica para sua obra o que Papias afirmou do evangelho de Marcos, que sua principal contribuição era em relação ao “arranjo” do material (gr. *syntasseimi*).¹⁵ Em termos de análise de fontes modernas, a reivindicação de Lucas incluiria sua integração de material marcano e do evangelho hebraico. De acordo com o testemunho de Lucas, sua principal contribuição para a tradição apostólica consiste em assuntos de sequência e ordem mais que em conteúdo e substância. O terceiro evangelho não é uma mera concatenação de informação disparatada, mas uma apresentação da vida de Jesus de uma forma que os leitores possam conhecer o *sentido* de Jesus.

O texto precedente é necessário para que Teófilo, o recipiente do evangelho, “tenh[a] a certeza das coisas que te foram ensinadas” (v. 4). A autoridade da fé cristã não se baseia na piedade ou na condição subjetiva do cristão,

¹² Lucas usa o mesmo termo para o efeito similar em Atos 15.22,25,28 (34).

¹³ Sobre *kathexēs*, “ordenadamente”, veja Tannehill, *Narrative Unity of Luke-Acts*, p. 9-12.

¹⁴ Veja, J. V. Bartlet, “The Sources of St. Luke’s Gospel”, em *Studies in the Synoptic Problem* (ed. W. Sanday; Oxford: Clarendon, 1911), p. 354; Marshall, *Luke*, p. 43; Klostermann, *Lukasevangelium*, p. 3

¹⁵ Eusébio, *Hist. eccl.* 3.39.15.

mas na autenticidade de um registro histórico que pode ser testado pelos cânones objetivos da verdade. Lucas não fundamenta a credibilidade de seu evangelho em inspiração religiosa, mas na apresentação de uma história que resista ao escrutínio histórico.¹⁶ Por isso, Lucas garante a Teófilo a veracidade dos muitos relatos anteriores que foram a fonte de seu conhecimento inicial do evangelho.

Não conhecemos a identidade de Teófilo. O próprio nome significa “amante de Deus” em grego, mas muitas vezes era entendido pelos pais como uma metáfora para o leitor. “Se você ama a Deus, isso foi escrito para você”, disse Ambrósio.¹⁷ A intencionalidade com que Lucas apresenta sua apologia nos versículos 1-3, no entanto, parece um tanto supérflua se ele estiver escrevendo só para leitores metafóricos. Não parece que na Antiguidade fosse costume dedicar livros a pessoas imaginárias.¹⁸ Teófilo é provavelmente uma pessoa histórica, embora o nome pudesse ser um pseudônimo para proteger o recipiente de ser descoberto ou perseguido.¹⁹ O termo “excelentíssimo” (gr. *kratiste*) sugere um homem de posição e honra e provavelmente rico. Era costume no mundo da Antiguidade dedicar obras a patronos, cujo papel incluiria pagar pela publicação e distribuição da obra. O título honorário podia indicar que Teófilo fosse uma autoridade romana (por exemplo, At 23.26; 24.3; 26.25), mas isso é menos certo do que muitas vezes se presume. O título não era único para cargos políticos, mas era usado para qualquer pessoa graduada e de posição. Nem o nome “Teófilo” era exclusivamente gentio; o sucessor de Caifás, removido, que governou o Sinédrio como sumo sacerdote no fim da década de 30 tinha o mesmo nome.²⁰ Se Teófilo era um convertido ou

¹⁶ Diversos copistas latinos, insatisfeitos com o fato de Lucas não fazer referência à inspiração divina, acrescentaram *et spiritui sancto* no versículo 3: “pareceu também a mim e ao Espírito Santo conveniente...” Esse acréscimo, no entanto, vem de Atos 15.28 (veja B. Metzger, *TCGNT*, p. 108).

¹⁷ Exp. Luc. 1.12 (citado de A. Just, Luke, p. 4).

¹⁸ L. Alexander, *The Preface to Luke's Gospel: Literary Convention and Social Context in Luke 1.1-4 and Acts 1.1* (SNTSMS 78; Cambridge: University Press, 1993), p. 188.

¹⁹ M. Hengel, *The Four Gospels*, p. 40, sugere que “talvez ‘Teófilo’, o ‘amigo de Deus’, fosse um romano proeminente cujo verdadeiro nome tinha de ser mantido em segredo. Isso explicaria por que Lucas termina seu segundo livro com a chegada de Paulo a Roma. De agora em diante o recipiente conhece a história por conta própria”.

²⁰ Teófilo (heb. *Yedidiah*) foi designado sumo sacerdote por Vitélio, governador romano da Síria de 37 a 41, depois do que ele foi removido pelo rei Agripa (*Ant.*, 19.297). Jônatas, irmão de Teófilo, ambos foram designados e depostos por Vitélio,

apenas um observador informado não fica claro nos versículos 3 e 4. No Novo Testamento, a palavra grega para “ensinar”, *katēchein*, pode significar informar (At 21.21) ou instruir no conteúdo da fé (Gl 6.6). Na tradição da igreja, *catequese* é a instrução dos cristãos na substância e sentido da fé, mas esse sentido é prematuro para a época de Lucas. Uma vez que Lucas baseia seu prólogo na inquirição e evidência históricas, em vez de na fé, parece possível tomar Teófilo como alguém que está à procura, um indivíduo que está aberto ao evangelho, mas não necessariamente comprometido com ele.²¹

O elegante prólogo de Lucas é dedicado à investigação histórica que pode ser corroborada pelo testemunho humano, além de apelar à inspiração divina, à terminologia cristã ou às afirmações religiosas. Lucas, na sequência de seu evangelho, fala do Jesus ressurreto se apresentando aos discípulos em “muitas provas indiscutíveis” (*pollois tekmeriois*, At 1.3).²² Lucas, sem usar a mesma palavra no prólogo, imputa igual veracidade às fontes de testemunhas oculares de seu evangelho. A base essencial da missão e proclamação cristãs não é um mito, filosofia nem sistema religioso ou moral, mas *testemunho humano* para a relevância salvífica de Jesus Cristo (24.48; At 1—8). Loveday

o precedeu como sumo sacerdote de 36 a 37 (*Ant.*, 18.123). Josefo relata que Agripa propôs restaurar Jônatas ao sacerdócio, mas que Jônatas recusou, oferecendo para seu lugar Matatias, filho de Teófilo, que serviu como sumo sacerdote até começar a guerra contra Roma em 66 (*Ant.* 19.313-16). Jônatas testificou contra Cumanos, governador romano da Judeia de 48 a 52, por matar os judeus samaritanos (*J. W.* 2.240) e, mais tarde, foi enviado para se apresentar diante de César, em Roma (*J. W.* 2.243). Jônatas se tornou a primeira autoridade judaica a ser morta pelos sicários (*J. W.* 2.256). Sua morte nas mãos dos sicários foi instigada por Félix, governador romano da Judeia de 52 a 60 d.C., de acordo com Josefo (*Ant.* 20.162-65), por causa das “incessantes repreensões” que fez à autoridade romana. Para um resumo do governo de Jônatas, veja E Schürer, *Jewish People in the Age of Jesus Christ*, 1:459. As intrigas acima são revisadas apenas para sugerir que o sumo sacerdote Teófilo, que se ajusta ao espaço de tempo da escrita de Lucas, não é um candidato impossível como o recipiente do terceiro evangelho. O evangelho hebraico, do qual Lucas dependia, apresentaria um testemunho especial para uma pessoa como Teófilo. Um sumo sacerdote que fora tirado do cargo pelo rei Agripa, que era irmão de um sumo sacerdote (Jônatas) deposto por Roma e depois morto por insurrecionistas judeus e que era pai de um sumo sacerdote (Matatias) que sofreu as devastações da guerra judaica talvez tivesse mais motivos para estar aberto para o evangelho cristão alternativo que a média dos líderes judeus.

²¹ Veja Schlatter, *Lukas*, p. 16; e H. Beyer, *katēcheō*, *TWNT* 3:638-40.

²² Grego *tekmerion*, que ocorre de forma semelhante em *Ant.* 5.39 e 17.128, significa a capacidade de fornecer prova demonstrável.

Alexander argumenta que Lucas fundamentou conscientemente seu prólogo na linguagem do discurso acadêmico típico de tratados científicos.²³ No prólogo, Lucas testifica que seu papel como evangelista é dar testemunho responsável do que Deus fez na história humana na vida de Jesus de Nazaré.²⁴

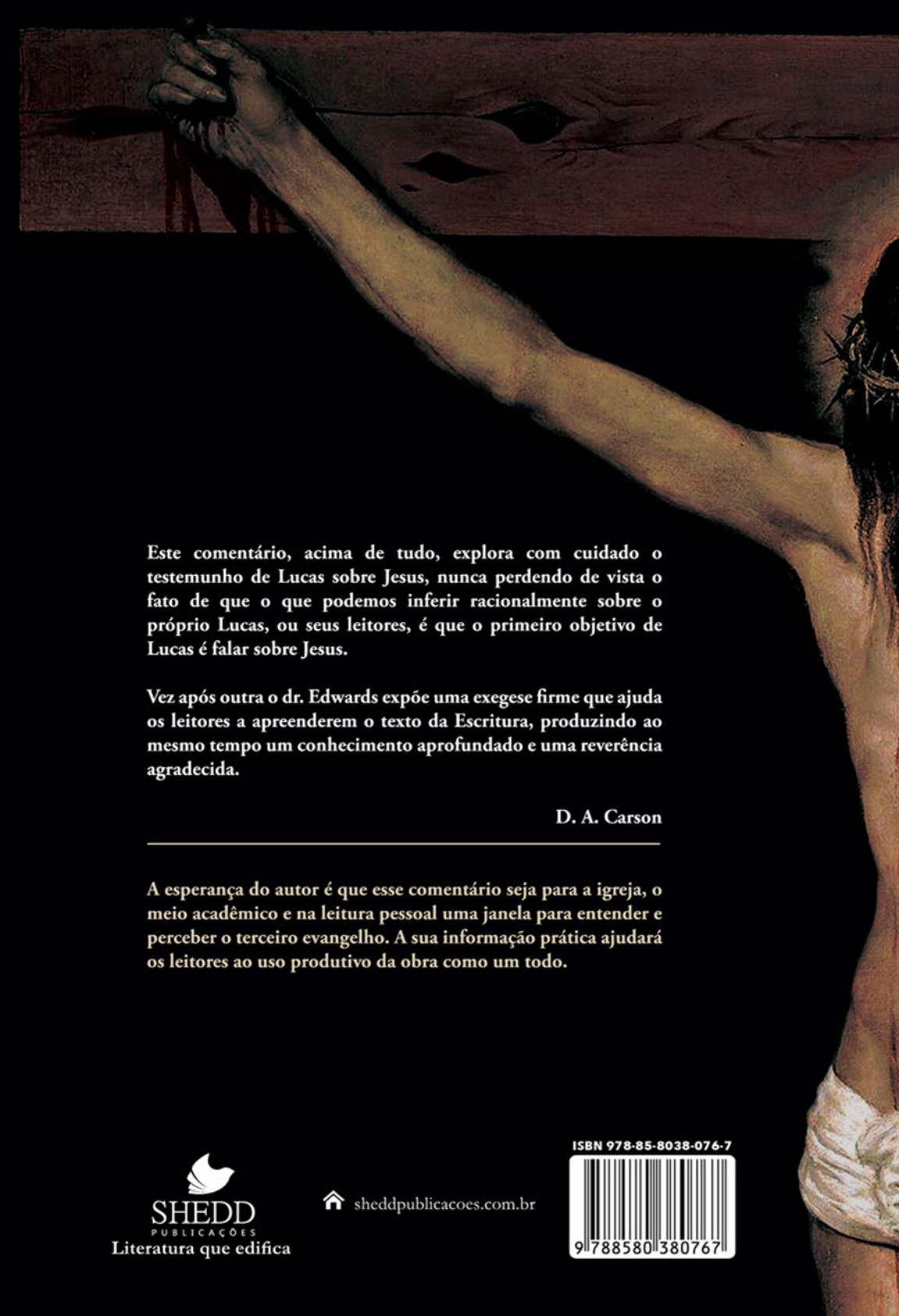
Excurso: as narrativas da infância de Jesus por Lucas (1—2)

O prólogo anuncia que Lucas “investig[ou] tudo cuidadosamente, desde o começo” (1.3). Lucas, de acordo com sua declaração, apresenta o exemplo mais abrangente de planejamento familiar na história humana, estendendo-se de Adão a Jesus (3.23-38). Os particulares do plano divino culminam com as narrativas da infância de João e Jesus, e com elas a introdução da era da salvação. Lucas abriu novos caminhos nesse aspecto, pois embora existissem narrativas de alguns heróis do passado de Israel — Enoque (*1En* 106), Moisés (*Êx* 2.1-10; *Ant.* 2.215), Samuel (*1Sm* 1—3), Sansão (*Jz* 13; *Ant.* 2.276-85) — nenhum livro canônico de profeta do Antigo Testamento era uma narrativa de infância preservada.²⁵ O único outro evangelho canônico a fornecer a linhagem e narrativa do nascimento de Jesus é Mateus, mas, ao contrário da narrativa de Mateus, relatada da perspectiva de José, a de Lucas é vista da perspectiva de Maria, e a de Lucas é uma narrativa mais completa do nascimento tanto de João quanto de Jesus, constituindo 10% da extensão do evangelho. Lucas 1—2 é apresentado com arte literária em termos de linguagem e composição. Se Maria é uma das fontes de testemunhas oculares mencionadas em 1.2, seu testemunho é muito absorvido por Lucas e se torna indistinguível de seu texto. Este narra os nascimentos de Jesus e João em sucessão paralela e em nenhuma passagem mais que na respectiva anunciação do nascimento de cada um deles (João Batista, 1.5-25; Jesus, 1.26-38). Os dois são anunciados pelo anjo Gabriel; os dois nascimentos são milagrosos; os dois pares

²³ “Na verdade, é possível passar o prefácio de Lucas palavra por palavra e encontrar paralelos na tradição científica para praticamente cada aspecto dele” (L. Alexander, “Luke’s Preface in the Context of Greek Preface-Writing”, em Orton, *Composition of Luke’s Gospel*, p. 102).

²⁴ Sobre Lucas 1.1-4, veja Cadbury, *Making of Luke-Acts*, p. 194-204; e esp. M. Hengel, “Der Lukasprolog und seine Augenzeugen: Die Apostel, Petrus, und die Frauen”, em *Memory in the Bible and Antiquity: The Fifth Durham-Tübingen Research Symposium* (Durham, September 2004) (ed. S. Barton, L. Stuckenbruck e B. Wold; WUNT, p. 212; Tübingen: Mohr Siebeck, 2007), p. 195-242.

²⁵ Veja Grundmann, *Lukas*, p. 46; Schweizer, *Lukas*, p. 11. In Jeremias 1, Jeremias foi chamado de jovem, embora nenhum detalhe de sua juventude seja preservado.



Este comentário, acima de tudo, explora com cuidado o testemunho de Lucas sobre Jesus, nunca perdendo de vista o fato de que o que podemos inferir racionalmente sobre o próprio Lucas, ou seus leitores, é que o primeiro objetivo de Lucas é falar sobre Jesus.

Veza após outra o dr. Edwards expõe uma exegese firme que ajuda os leitores a apreenderem o texto da Escritura, produzindo ao mesmo tempo um conhecimento aprofundado e uma reverência agradecida.

D. A. Carson

A esperança do autor é que esse comentário seja para a igreja, o meio acadêmico e na leitura pessoal uma janela para entender e perceber o terceiro evangelho. A sua informação prática ajudará os leitores ao uso produtivo da obra como um todo.